



USANDO O FAZ-DE-CONTA PARA LIDAR COM A REALIDADE: CONTOS QUE REVELAM OUTROS CONTOS QUE NÃO SÃO DE FADAS

*Amanda Adão Pereira, Bruna Rocha Pereira, Angelo Willian de Lima Catarim,
Fernanda Almagro Celes, Jane Biscaia Hartmann;*

RESUMO: Este trabalho é um estudo de caso, o qual visa apresentar a intervenção realizada pela equipe de psicologia do Hospital Universitário de Maringá (HUM) de um caso de abuso sexual infantil intrafamiliar, para que se possa, através do compartilhamento da experiência, propiciar uma alternativa de intervenção em casos, como este, que demandam uma atuação cautelosa do profissional. No caso abordado, a vítima, uma menina de seis anos, foi abusada por seu tio, que lhe retirou de casa e lhe deixou nua amarrada nos trilhos de trem onde foi encontrada pela polícia. Após o evento a menina não conversou com ninguém sobre o ocorrido, nem mesmo com sua mãe e começou a apresentar comportamentos sexuais inadequados para sua idade. Três meses depois do abuso, a criança foi ao hospital, para uma reconsulta médica e foi abordada pela equipe de psicologia. Durante a intervenção, foi proposta a narração de um conto de fadas, onde a paciente sugeriu a história dos três porquinhos, que em sua versão tornou-se a história da porquinha. Através do comportamento da protagonista, que tem medo do lobo mau, a menina dramatizou a experiência vivida. Pelo modo que foi realizado o manejo situacional pelo terapeuta e apropriado pela criança, podemos considerar a criatividade da criança como um recurso que lhe permitiu imprimir voz às severas tensões interiores, derivadas do conflito vivido. Assim, podemos concluir, com base na literatura e na experiência profissional, que os contos de fadas constituem um importante meio de comunicação e elaboração do evento traumático.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso sexual; contos de fadas; atuação lúdico-terapêutica;

1. INTRODUÇÃO

Visto que a infância é um momento em que o sujeito ainda está constituindo sua estrutura psíquica, pode-se dizer que a criança apresenta uma capacidade de elaboração de conflitos ainda pouco satisfatória. Dessa forma, o abuso sexual infantil, evento considerado traumático e desencadeador de conflito, pode afetar o desenvolvimento da vítima e trazer consequências negativas no âmbito psicológico e social.

De acordo com Rangel (2011) e Lamour (1997) o abuso sexual intrafamiliar traz consigo algumas características que dificultam a compreensão e expressão do episódio pela criança. Dentre essas características, destaca-se a necessidade da manutenção do segredo por parte da vítima, já que esta teme as consequências de sua revelação, a descrença na sua palavra, a punição ou a incapacidade do adulto de protegê-la da violência de seu agressor, visto que, em geral, a vítima encontra-se sob ameaça do autor do crime, o que contribui com a intensificação do medo. Nesse cenário, a forma como a situação é recebida e encaminhada pelos outros, familiares ou não, tornam, para a criança, os efeitos da revelação ainda mais perigosos que o próprio ato (LAMOUR, 1997), sustentando o segredo da vítima.

Diante do estresse, confusão e medo em que a criança se encontra frente a tal situação, a intervenção psicológica deve ter como finalidade favorecer a elaboração do

acontecimento, buscando prejudicar o mínimo possível a organização psíquica da criança, possibilitando que ela se expresse conforme o seu funcionamento e seu nível de desenvolvimento e maturidade sexual. Neste contexto, a fantasia surge como um recurso para que a criança consiga organizar seu mundo interno de maneira menos prejudicial possível.

A imaturidade do pensamento infantil, assim como a falta de informações a respeito da realidade, deixam na criança algumas lacunas em sua compreensão. Assim, a partir de segmentos da realidade experimentados e observados, ainda que parcialmente corretos, e que suscitaram algum nível de ansiedade, a criança lança mão das fantasias como uma forma de preencher tais lacunas. Embora as fantasias sirvam para suprir as faltas características do psiquismo infantil, há, através deste mecanismo, uma mistura entre a realidade e a própria fantasia, a qual não é passível de ser distinguida pela mente da criança. Portanto, para que a criança não se perca em suas incursões e excursões fantasísticas e consiga manter-se na realidade sem sofrer um enfraquecimento, mas, antes, seja fortalecida por estas fantasias, é necessário que haja uma ordenação de todo este processo.

Os contos de fadas, por procederem da mesma maneira que a lógica infantil são elementos importantes para que a criança consiga alcançar uma clareza superior, que emerge de toda esta fantasia. Eles suscitam grande crença nas crianças por imprimirem a maneira como elas pensam e experimentam o mundo. Por existirem muitas diferenças entre o funcionamento psíquico do adulto e da criança, o consolo obtido por esta através dos contos de fadas pode ser muito maior que o que se conseguiria baseado em um raciocínio do ponto de vista dos adultos.

A relevância das narrativas infantis se deve ao modo de sua constituição: um universo repleto de magia, significações ocultas e metafóricas, com lugares e personagens fantásticos; um enredo constituído por um núcleo problemático, no qual os protagonistas enfrentam diversos obstáculos, para no final vencerem. E em meio ao seu egocentrismo infantil, a criança espera que o personagem da história expresse aquilo que lhe é significativo, ela acredita que ele sente e vivencia as experiências assim como ela mesma o faz, ainda que não demonstre abertamente. Esta é a razão, então, de os contos de fadas a convencerem tanto, pois apresentam uma visão de mundo mais próxima à sua. Todo esse universo de fantasia, consoante com o modo com que a criança apreende o mundo, permite que em meio a essas histórias ela encontre um espaço para compreender seus conflitos, muitas vezes projetados nos heróis e heroínas, bruxas e lobos, que personificam o bem e o mal.

O presente trabalho diz respeito ao estudo de caso de uma criança de seis anos de idade, atendida pela equipe médica e de psicologia do Hospital Universitário de Maringá, após ser violentada sexualmente pelo seu tio materno. A menina veio pela segunda vez ao hospital, três meses após o abuso, para uma reconsulta médica. Ao ser abordada pela equipe de psicologia, a mãe revelou que a filha nunca falou com ela sobre o episódio vivenciado, mas começou a apresentar comportamentos estranhos no lar onde foram encaminhadas, como ficar nua na frente dos meninos e tocar em seus genitais. O objetivo da elaboração deste resumo é apresentar a intervenção realizada pela equipe de psicologia frente a tal fenômeno, expondo de que maneira a situação em questão foi manejada, articulando às discussões teóricas do tema, para que se possa propiciar uma alternativa de intervenção em casos – como este – que demandam uma atuação cautelosa e organizadora por parte do psicólogo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Anais Eletrônico

VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar

UNICESUMAR – Centro Universitário Cesumar

Editora CESUMAR

Maringá – Paraná – Brasil

Durante a intervenção, o atendimento com a menina foi articulado de maneira livre para que ela pudesse se sentir à vontade e direcionar o atendimento da sua maneira. Tendo em vista o que acima foi exposto a respeito da constituição dos contos de fadas e sua relação com a dinâmica psíquica consciente e inconsciente, entende-se que este modo de expressão cultural é um importante instrumento no ambiente psicoterápico, principalmente com crianças. E por essa razão, foi sugerido pela psicóloga que ela contasse uma história, a menina topou e escolheu a narrativa dos três porquinhos. Para aproximar os elementos projetivos, foi proposto que a personagem central do conto fosse uma “porquinha”, o que foi acolhido pela paciente. Toda a história foi construída e conduzida pela criança, que utilizou além de elementos narrativos, materiais dispostos na sala de ginecologia (álcool, micropoli, caixa de luvas, etc.) para encenar o seu conto.

A narrativa iniciou-se com a canção: “Quem tem medo do lobo mau, lobo mau”, cantada pela protagonista que, na sequência, é surpreendida pelo lobo que a pega e diz: “Você, você tem medo do lobo mal!”, levando-a para a sua casa de tijolos, onde a deixou amarrada na cama. Ela inicialmente não soube explicar o porquê o lobo fez isso, a psicóloga, então, indagou se a razão não seria porque ele era mau, ela respondeu que não, rebatendo que ele havia dado doces para a porquinha comer. A psicóloga perguntou se ele havia feito carinhos, ela disse que sim, quando questionada sob as vestimentas dos personagens, a criança respondeu que a menina usava roupas, e, que lobos não usam roupas. Durante a sua fala houve pausas e tentativas de mudança de atividade. A psicóloga, então, disse à menina que não poderiam trocar de brincadeira antes que ela acabasse o conto, pois a história não pode ficar sem final. A criança então continua, narrando que a mãe da porquinha ao chegar a sua casa e não encontrar a filha desespera-se e vai procurá-la, ao chegar à casa do lobo, ela o enfrenta e por fim o mata, salvando a protagonista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o atendimento realizado com a paciente, evidenciou-se que vários elementos da narrativa que foram construídos pela menina são condizentes com os aspectos que foram vivenciados por ela. A mãe relatou que ela, juntamente com os policiais, no dia do abuso, encontrou a menina amarrada nos trilhos do trem, vestindo apenas a camisa do tio. No local foram encontradas revistas adultas e embalagens de doces e balas. Após o evento a criança e sua mãe foram morar na Casa Lar, visto que antes residiam na mesma casa que o agressor. Desde então, a menina não teve mais contato com o tio materno. A partir disso, nota-se que ela apropriou-se do conto de fadas para expressar, por meio da personagem, a sua própria história, afastando-se da trama original para encenar os seus conflitos.

4. CONCLUSÃO

Com base no relato do caso e na teoria referenciada, compreende-se que o abuso sexual infantil intrafamiliar é, para a vítima, um evento desencadeador de conflito e medo, fenômenos que contribuem para a dificuldade de elaboração e de expressão do fato ocorrido pela criança. Considerando os contos de fadas um fenômeno fantasístico que possibilita que a criança simbolize seus sentimentos por meio da estória e dos personagens, considerando suas condições e limitações psíquicas, utilizou-se o conto de fadas como um recurso para intervenção com a vítima do abuso. Dessa forma, a criatividade da criança e o manejo situacional do terapeuta, utilizando um recurso que permitiu que a criança imprimisse voz às severas tensões interiores e às sérias lutas

internas acerca dos seus conflitos pessoais, mostraram-se adequados enquanto recurso terapêutico, possibilitando que a criança se organizasse psiquicamente.

5. REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Traduzido por Arlene Caetano. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GABEL, M. **Crianças vítimas de abuso sexual**. Tradução de Sonia Goldfeder. 2 ed. São Paulo: Summuns, 1997.

LAMOUR, M. Os abusos sexuais em crianças pequenas: sedução, culpa e segredo. In: RANGEL, P. C. **Abuso sexual intrafamiliar recorrente**. 2 ed. Curitiba: Juruá, 2011.